

A cidade na praia: utopias marítimas no Rio de la Plata

Joana Carolina Schossler¹

Resumo

No final do século XIX, Montevidéu apresentava diante de sua expansão urbana um projeto de balneário marítimo que visava um espaço livre e coletivo junto ao mar. Inspirados nas estações de vilegiatura europeia, os primeiros estabelecimentos se constituíram entre a paisagem arenosa, por meio de investimentos privados, que tornaram os balneários de Ramirez e Pocitos pontos de encontro da burguesia platina.

Com o despontar do século XX e o advento da modernidade, a cultura balneária adquiriu novos significados, no qual a projeção de um espaço social livre dos problemas urbanos representava uma utopia em pequena escala, que passou a contar com investimentos públicos a fim de promover um espaço acessível para todos.

Os bosquejos desta pesquisa demonstram os processos de edificação dos balneários de Ramirez e Pocitos, no Uruguai, entre 1870 a 1930, salientando a idealização e a urbanização destes balneários marítimos por meio da iniciativa pública e privada. A análise do estudo será abordada por meio da bibliografia especializada, das fontes jornalísticas, de fotografias e de memórias, que permitem acompanhar a consolidação dos balneários desde suas origens até sua transformação como praia urbana.

Palavras-chave: cultura balneária, cidades, utopia, América Latina.

A vilegiatura marítima na Europa

Na Europa do século XVIII, a prática dos banhos de mar estava pautada pela medicina naturalista, que indicava a ida aos banhos e a mudança de ares para a cura de diversas doenças. O curismo, que estava associado inicialmente ao termalismo, precursor das práticas de cura, constituiu esse deslocamento previamente determinado durante a temporada estival,

¹ Mestre em História. Aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP/ Bolsista FAPESP. Correio eletrônico: mergulhandonolitoral@gmail.com

O presente artigo é um fragmento da pesquisa de doutorado em andamento denominada **Utopias marítimas no Atlântico Sul (1900-1950)**, que investiga comparativamente os balneários uruguaios (Pocitos, Ramirez, Atlântida e Piriápolis), com os balneários do Rio Grande do Sul/Brasil (Atlântida, Imbé e Capão da Canoa).

2

denominada como vilegiatura marítima.

A salutar sufocação provocada nas imersões pelos banhos frios em águas oceânicas, despertou a curiosidade da nobreza, que passou a frequentar a praia com necessidade de asserção médica. Sem tardar, a vilegiatura marítima como forma de sociabilidade foi incorporada pela burguesia manufatureira e ou comerciante, que passou a frequentar as estações balneares em função de ritmos ou hábitos intensificados a partir do século XIX (Corbin 1988: 289).

Os valores curativos e as práticas termominerais se viram substituídas aos poucos pelos centros litorâneos, que também receberam o nome de balneários. Estas estações foram anunciadas pelos britânicos, que após a publicação das teorias do médico Richard Russel, buscaram nestes espaços os métodos curativos e econômicos para cuidar da saúde (Fúser, 1991: 131). Mas, logo apareceram novos lugares de vilegiatura marítima, como Scheveningen (Países Baixos), Ostende (Bélgica) e Boulogne (França).

As imagens da praia de Scheveningen no princípio do século XIX demonstram o sucesso do balneário, a estrutura e a forma como o espaço se articulava para o exercício da sociabilidade, bem como a tipologia dessas cidades balneárias, com seus cassinos, hotéis, espaços para passeios e equipamentos para os banhos de mar.

Como demonstrado por Corbin (1988:275), os balneários de modelo inglês tiveram predominância; foram concebidos em blocos, de acordo com um projeto de sua própria iniciativa, às vezes patrocinados pelas autoridades, que polarizaram atividades terapêuticas, lúdicas e festivas do lugar. Assim, as práticas de sociabilidade, ou o “teatro social”, eram fomentados pelos diretores das estações balneárias que usaram os mesmos ingredientes das estâncias hidrominerais para estabelecer o “turismo de saúde”. Os rituais de atividades como banhos, refeições, bailes, jogos e outros, pautavam-se pela regularidade dos horários e permitiam encontros intencionais entre as pessoas, possibilitando a sociabilidade.

Um dos fatores que contribuíram para o maior afluxo de banhistas junto à orla foi da expansão das vias férreas, que reduziu em dois terços o tempo de viagem entre a capital e as praias (Fúgier, 1991: 231). Conforme Désert (1997: 337), a rede ferroviária preparou uma revolução, na qual o objetivo terapêutico vai ao encontro da busca pela distração.

Além da melhoria nos meios de transporte, outras instalações e serviços foram desenvolvidos para a concepção dos banhos de mar. Com um grande edifício, cordas de

3

segurança, piscinas, carros de banhos, cabines de vestuário e vigilância, mas também com as mudanças da apreciação da orla marítima, a moda dos banhos de mar se arraigou no imaginário ocidental, tronando-se uma matriz que pode ser averiguada em diversos casos, como nos balneários de Ramirez e Pocitos, na América Latina, que serão analisados neste trabalho.

A vilegiatura marítima no Rio de la Plata: de balneário marítimo à cidade na praia

Praticamente uma hinterlândia no Atlântico Sul, Montevideú quase nasceu uma cidade mediterrânea. Delineada por sua condição natural de cidade portuária, seu território fundou-se e expandiu-se em torno das necessidades estratégicas e militares de defesa das fronteiras (Altezor, Baracchini, 1971: 19-24).

No século XIX, a cidade colonial murada perdeu suas formas para a liberdade do mercado imobiliário, que configurou um novo traçado urbano, regido pela lei de oferta e procura. Essa nova extensão territorial que demarcou o traçado de ruas, a definição de quadras e a padronização de terrenos, deu-se por meio de agrimensores idôneos, que baseados na rentabilidade, esboçaram um simples e quadriculado de jogo de damas para urbanização da cidade (Altezor; Baracchini, 1971: 60).

Pautada pelo novo planejamento urbanístico, a cidade se expandiu aspirando à modernidade sem associações com a cidade histórica (*Ciudad Vieja*), estendendo assim, seus territórios sobre novas zonas da cidade, com planos reformulados, que se iniciam com o fim do poder colonial em 1829 até o princípio da especulação imobiliária no final do século XIX.²

Nesse período, a orla de Montevideú era um território arenoso, desolado, frequentado apenas por lavadeiras, por vendedores de areia, por pescadores e trabalhadores do saladerista José Ramírez Pérez (Corral, 2000:40). Resquícios dessa paisagem podem ser visualizados em algumas aquarelas pintadas pelos artistas Corsetti e Savarro, nas quais o panorama da cidade de Montevideo na segunda metade do século XIX é visto desde a praia de Ramirez. Nesses registros, se denotam entre a paisagem o sossegado Plata, o cerro, indícios da urbanização na

² PÉREZ PIÑEYRO, Maria del Pilar. Um olhar desde a península. Pela recuperação do território original da Cidade Velha de Montevideú. *Arquitextos*, São Paulo, 02.014, Vitruvius, jul 2001 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/868>>.

4

atual *Ciudad Vieja* e alguns barcos e pescadores exercendo sua atividade entre as pedras.

Já de autoria desconhecida, há um registro do outro lado do cenário, onde a paisagem se compõe por uma área sem traços urbanos e pouco povoada. Da vista por detrás dos pescadores que se encontram em cima das pedras, vê-se uma arborização de álamos e o complexo de banhos, cujo acesso se dava pelo caminho entre a costa e as águas. Através dos



“trilhos” vê-se duas carroças puxadas a cavalos que realizavam a locomoção dos banhistas até a estação de banhos.

Imagem I: *Montevideo desde la playa Ramirez*, pós-datado como 1897, C. Corsetti. Acervo: Cabildo/Montevideo.

Imagem II: *Playa Ramirez*, sem data, autor desconhecido. Acervo: Cabildo/ Montevideo.

Em 1874, um projeto para os banhos flutuantes foi apresentado ao Governo da República Oriental do Uruguay, em nome do seu “único e exclusivo inventor”, Senhor Feliz Casanovas. O pedido solicitava autorização por parte dos senhores Marquez e Casanovas, para construir e explorar banhos públicos e flutuantes na paragem denominada Tajamar,

5

durante vinte anos, sendo que após este período, o estabelecimento ficaria a benefício da nação. (Archivo General de la Nacion, Escribania del gobierno y hacienda caja 302, 1 AL 35, 1874).

De acordo com os solicitantes, os banhos seriam colocados em uma área de 400 pés em cada frente, construídos com madeira de Pinus e divididos em quatro partes iguais. O investimento, de cerca de “400 mil pesos fortes”, seria de grande utilidade para o Governo, mas também para o público (Archivo General de la Nacion, Escribania del gobierno y hacienda caja 302, 1 AL 35, 1874).

O projeto foi executado em madeira, e mantinha banhos separados para homens e mulheres, bem como abrigo para o vento e acesso facilitado pelo transporte de cavalos por uma ponte que dava passagem até o terraço, que por escadas levava os banhistas até a água.

Algumas fotografias e pinturas eternizaram esses primórdios da vilegiatura marítima em Ramirez. Nas imagens das últimas duas décadas do século XIX, pode-se observar o afluxo de banhistas com suas longas vestimentas e seus chapéus, mas também o incremento de alguns equipamentos, como casinhas de banhos com rodas que adentravam a água e serviam para a troca de roupas ou banhos privados. Nas telas do pintor Godofredo Somavilla, pode-se apreciar mulheres em seus banhos, num espaço delimitado por cordas de segurança, que formavam uma espécie de piscina e impediam o perigo das correntes e das ondas.

Essas instalações e outros serviços, Luis Fernandez Fúser (1991) chamou de revolução e concepção dos banhos de mar. Mas para Guene e Loyer (1995), esta migração dos modelos de balneários ingleses e franceses, incrementados e modificados com a construção de diques, avenidas e tráfego urbano, traços da cidade, criação de hotéis, cassinos e casas de banhos, formam frente ao mar uma “original história urbana”, tanto por sua forma excepcional como por sua estrutura e seus detalhes constitutivos.

Apesar de sua proximidade com a cidade, o acesso à plácida praia de Ramirez era difícil e realizado pela circulação de carroças com tração a cavalos. Conforme as investigações de Werther Halarewicz*, das 9 empresas de transporte que existiam em Montevideu no século XIX, 5 delas chegavam à praia de Ramirez. Mas não tardou para que os trilhos de trens se estendessem até a praia, aumentando o fluxo de banhistas na orla

* O pesquisador construiu um mapa do percurso oferecido pelo transporte a cavalo na cidade de Montevideu do século XIX.

6

marítima.

Em agosto de 1871, foi inaugurada a “Tranvía del Este”, que percorreria diversas localidades até chegar à praia de Ramirez, onde se havia instalado casinhas de banho, que seus passageiros poderiam acessar mediante a compra de bilhete (Antúnez, 2002: 36). Cabe ressaltar, que no início da temporada de banhos, a empresa chegou a transportar 5.000 passageiros à praia em um único domingo de verão (Torres, 2000: 40).

As empresas de trens também ofereciam serviços para os banhos de mar nos anúncios em jornais, que informavam a data de início das viagens, as tarifas e os horários. Elas também comunicavam aos leitores sobre as casinhas de banhos de homens e de mulheres, que “apresentavam grandes melhorias, garantindo bom serviço como “a construção de um restaurante perto das casinhas masculinas, e uma galeria na ala feminina para banhar-se à sombra”. As mulheres ainda poderiam desfrutar durante a temporada de uma “confeitaria e um restaurante” que foram instaladas no balneário (El Ferrocarril, 06/01/1882).

De qualquer ponto da cidade, as viagens aos banhos se realizavam em 22 minutos. Alguns anos mais tarde, uma empresa de capital inglês iniciou negociação com o governo para eletrificar os trens que ela já possuía. A ação teria durado quase 5 anos, obtendo aprovação somente em 1903, e iniciando a operação na temporada do verão de 1906 (Antúnez, 2002: 50).

O balneário de Ramirez logo passou a concorrer com Pocitos, que nasceu igualmente em uma zona desolada, onde em meio as areias e dunas, algumas lavadeiras negras vinham lavar roupas no arroio que desembocava no Rio de la Plata. A área que começou a ser loteada em 1868, teve seus primeiros assentamentos de forma desordenada, desprovidos de delimitação de terrenos, quadras e traçado de ruas. Entretanto, em 1876, a direção de obras públicas assumiu traçar uma nova delimitação do povoado, arcando com os custos e danos aos proprietários já existentes no local (Assunção; Franco, 1991: 16- 17).

No ano de 1880 foi inaugurado o balneário de Pocitos, como resultado de investimentos da companhia ferroviária “Pocitos, Buceo y Unión” (Varese, 2011:38). Sua estrutura também contava com banhos flutuantes separados por sexo, cordas para delimitar o espaço de banhos e carrinhos privados na orla marítima. Em um anúncio no jornal *El Ferrocarril* de 1880 nota-se que os banhos eram praticados ainda antes do sol nascer, já que depois das “4 e 37’ da manhã, os trens saíam com uma frequência de 7 minutos”, sendo

7

acrescidos um valor de “8 centavos nos bilhetes dos banhistas que fossem ocupar as casinhas da praia”.

As linhas ferroviárias aproximaram o homem do mar, sendo que a redução do tempo de viagem entre a cidade e as praias uniu o objetivo terapêutico a busca pela distração (Désert, 1997: 337). Além disso, o advento da ferrovia produziu um processo de descentralização, que permitiu os balneários se consolidarem afastados dos centros, mas não longe da população, que poderia chegar à beira-mar pelos caminhos de ferro (Zucconi, 2009: 181).

Os banhos de mar nesses primórdios coadunavam-se aos preceitos terapêuticos muito em voga no período. Além disso, as atividades lúdicas em um espaço junto à natureza, agregado pelos valores sociais e morais do gosto burguês, fez do balneário marítimo um refúgio para os crescentes problemas urbanos advindos com a modernidade. Logo, as estações balneárias nasceram com um caráter antiurbano, do qual se centram as primeiras considerações em torno da utopia.

Como ressalta Gravagnuolo (2010: 65-67), as utopias urbanas visavam o sonho de uma sociedade nova, renovada pelos ideais de cooperação coletiva e de harmonia universal, localizada(s) em refúgios afastados e fechados. “Esse microcosmo frequentado por uma pequena burguesia, limitado e definido em cada detalhe”, como afirma André Rouch (1995:83), forma uma invenção social desses espaços públicos, que favorecem a exibição si, mas também o conhecimento do outro. Neste estar no espaço, a conduta durante a estada, os relacionamentos com o ambiente e com as outras pessoas, os sentimentos de prazer, de repouso, de integração no conjunto dos costumeiros ou adventícios e os riscos e inconvenientes sofridos, contribuem para uma consciência e um convívio comunitário (Azevedo, 1989: 105).

Segundo Gravagnuolo (2010:68), que se vala das palavras de Owen, essas novas comunidades podem ser promovidas por um ou vários proprietários de terras ou grandes capitalistas, por sociedades constituídas que dispunham de fortes capitais para gastar com finalidade filantrópica e pública, por autoridades locais que desejam retirar a carga de impostos sobre os pobres ou bens por associações de burgueses, de agricultores, de industriais e comerciantes, para extrair os males do presente sistema.

8

Tal como na proposta de Owen essas ideias permitem analisar a atuação de muitos arrematadores de terras e de empresários ferroviários, que com a permissão do governo tiveram nessas localidades o papel de urbanizadores e de empreendedores da vilegiatura marítima. Entre os visionários destacam-se Alfredo Echevarria, Emílio Reus e, principalmente, Francisco Piria, que iniciou em 1890 a execução de sua própria cidade balneária, chamada Piriópolis.

Piria como proprietário da empresa “La Industrial”, fundada em 1873, urbanizou mais de 70 bairros em Montevidéu. Seus arremates se realizavam ante um chamado anunciado por cartazes que eram fixados em locais públicos, informando a data e o local das vendas, as medidas dos terrenos, as especificações da localidade e o valor das quotas para aquisição de terrenos. No aludido dia das vendas, a empresa promovia uma grande festa, disponibilizando meios de transporte, banda de música e facilidade para o pagamento da compra.

Em seus panfletos e cartazes publicitários, Piria declarava com estado de ânimo enaltecido seus ideais de possibilitar a todos a compra de terrenos, que eram facilitados por largos prazos de 400 ou 700 parcelas de “4, 5 ou 7 pesos”. Entretanto, foi após a crise de 1890, que Piria teria se favorecido com a falta de fiscalização e carência de leis, reduzindo e estreitando terrenos, aumentando assim a especulação imobiliária (Altezor; Baracchini, 1971: 143). A questão, inclusive chegou a ser mencionada em um de seus cartazes sobre a promoção de venda de 187 solares, no qual Piria manifesta reflexões ideológicas sobre a crise e faz críticas ao governo.

El momento para empezar nuestras grandes ventas ni puede ser mas oportuno para aquellos que quieren hacerse propietario insensiblemente y duplicar el capital que van à emplear, antes desembolsarlo.

Que el país reacciona es un hecho evidente y palpable; que la propiedad, no solo se ha afirmado en su descenso, nadie que tenga criterio lo duda, pero és mas: hacen algunos meses que se ha iniciado lentamente el periodo ascendente, y que él irá aumentando día à día es evidente.

Que este es un país de eternos llorones, no hay por que repetirlo, pues aquí la gente grita que tiene hambre pidiendo libertad, mientras se atracona de licencia!

Hacen varios años que el país exporta un 50 por 100 más de lo que importa: hay dinero, mucho dinero, plétora de dinero. ¿Porqué no sale à luz? – preguntarán muchos, à los que responderemos: “Porque nuestros capitalistas son casi todos como las ovejas; se arremolinan y encojen cuando una pequeña crisis amenaza, y cuando una hace punta y rompe la manguera todas la siguen.

¡Esta es la verdad! ¡Indudablemente las verdades solo gustan en teoría! [...]

Recomiendo à las personas económicas, à las que piensan en el mañana, à las que deseen hacerse propietarias, à las que saben comprender cuan importante es el llegar à poseer un terreno en el centro de Montevideo, en donde se puede vivir y *vivir en*

su casa: pues cuando se ha tenido la virtud para economizar lo suficiente mensualmente para comprar el terreno, se tiene después con más razón doble virtud para seguir ahorrando para poder construir una pieza, y cuando ya se instala uno en su casita, se sigue ahorrando para añadir otra pieza, y el ahorro aumenta con la economía del alquiler. Mas tarde, el propietario vende su casa y va siendo rentista!- Aquila las piezas que año tras año vá construyendo.

“La industrial” se complace en vender terrenos para los pobres, los que puedan ahorrar un poco: esa es nuestra mayor satisfacción – los deseamos y los hacemos propietarios con gusto. Y, cuando por cualquier circunstancia no puedan pagar à los vencimientos, los esperamos, no apuramos à nadie y usamos consideraciones con todos. Esto lo sabe todo el país.

Creo que nada debo decir relativamente à la importancia de estos terrenos- Ellos se recomiendan solos, y el buen criterio del público hará el resto (Aliche, 1896, Parque Rodó, História/FARq).

Nesse contexto, durante as últimas décadas dos novecentos, Ramirez e Pocitos sofreram uma reconfiguração territorial, passando de “território do vazio” ao lugar de veraneio. Essas praias tornaram-se bairros de Montevideu, que aos poucos formavam um traçado urbano quadriculado, como aquele que já se apresentava na *Ciudad Vieja*. Esse pensamento urbano se aproxima ao plano de Cerdá para Barcelona em 1859, que esteve pautado por “critérios hélio-térmicos para defesa dos ventos dominantes e critérios astronômicos; interrompidos por duas grandes artérias diagonais traçadas sobre a linha imaginária do meridiano e o paralelo terrestre” (Gravagnuolo, 2010: 58).

Como comenta Françoise Choay (2007: 262), Cerdá transpôs as teorias da medicina para curar a cidade vista por ele como doente. Por meio de sua metodologia, ele desdobra o objeto inicial da “ciência urbanizadora”, que se transforma em dois objetos de acordo com o procedimento da utopia.

Para Cerdá, a articulação de uma abordagem “científica” com um conjunto de elementos utopistas é tanto mais fácil quanto o engenheiro espanhol não se colocar apenas enquanto prático, mas também enquanto pensador social, abordando os problemas da sociedade ocidental no seu conjunto, e não setorialmente. Deste modo, para ele, a doença urbana não é, como será para vários teóricos do urbanismo ulteriores, uma patologia do espaço: ela consiste numa hipertrofia do sistema econômico dominante, isto é, do capitalismo. Em nome do liberalismo, Cerdá denuncia a exploração da classe operaria dominante. O autor assinala em particular dois aspectos estreitamente ligados entre si: a redução dos salários ao simples custo da reprodução da força de trabalho e a especulação fundiária. “O desejo desenfreado de especulação dos proprietários fundiários urbanos” e a maneira sistemática com que estes últimos exploram o espaço para “prover às necessidades do mercado com frenesi” (Choay 2007: 263).

10

Esses preceitos permitem avaliar a ação desses especuladores imobiliários no contexto da Montevideu *fin-de-siècle*, que diante do considerado caos urbano e da consciência de uma pretensa cidade desintegrada, se incorporava ao conceito de Estado protecionista, que conscientemente se traduziria em propostas concretas de regularização urbana, durante o chamado estado industrial. Portanto, se Francisco Piria representava a forma mais pura e simples do liberalismo aplicado a especulação de terras urbanas, Emilio Reus, outro grande arrematador do mesmo período, representava uma forma mais complexa de relação entre o Estado liberal e a iniciativa privada, no campo da ocupação imobiliária (Altezor; Baracchini, 1971: 143).

Enquanto Francisco Piria profetizava suas ideias solidárias ao socialismo utópico e contraditoriamente promovia também o direito à propriedade privada, ele também acumulava suas fortunas e contribuía para o processo de urbanização da cidade, que sobreposto a uma terra despovoada apresentava o então traçado em grelha, formado por quadras fragmentadas de terrenos a espera de ocupação.

A vida junto ao mar proporciona um outro modo de vida, diferente das restrições e convenções da cidade. Em suas propagandas, Piria promovia as vantagens que estavam porvir em Ramirez, como a abertura de avenidas, o parque e a rambla para passeios (Afiche, 1908, Parque Rodó, História/FARq). Esses incrementos públicos faziam parte da política de embelezamento da cidade, e dentro da remodelação do período denominado “Ciudad Novísima” (1887-1930), seguiu as teorias higiênicas e a filosofia da cidade-jardim, de Howard (Altezor; Baracchini, 1971: 180).

Esses equipamentos específicos das estações balneárias, como hotéis, ramblas e cassinos, respondem a estratégia balneária e serve para a circulação de pessoas no espaço público. Já as galerias e outros espaços, mantêm referências com as cidades-jardins, e no pós-guerra se pautam pelos modelos das cidades de Dinard, Deauville e Biarritz, na França (Guene; Loyer, 1995). Aliás, Piria se referia a Ramirez como *Biarritz do Uruguai*.

Estos terrenos están al lado de la Playa Ramírez; al lado de la Avenida sobre el mar y por ende [sic], los que allí vivan podrán tomar baño hasta sin salir de casa. Los grandes chalets, los espléndidos hoteles, los magníficos edificios, que antes de dos años se ván á construir, cambiarán completamente la faz de ésta localidad, en donde hoy surge ya, imponente y severo, el majestuoso edificio de construcción colonial y de piedras sillares que sirve de sede á la Escuela de Artes y Oficios.

¡Que más puedo decir de esta localidad! No encuentro frases para ponderarla, y menos para bosquejar un leve reflejo de su colosal porvenir. Todo lo que yo diga sería siempre poco, muy poco!

Esta localidad dentro de dos años, construída la gran rampla, cambiará, como de la noche al día, y los terrenos que la forman no voldrán manos de 40 ó 50 pesos el metro (Afiche, 1896, Parque Rodó, História/FARq).

A afluência de banhistas à praia crescia a cada novo período estival. Em 1887, uma “comissão de capitalistas” representada por Carlos Casaravilla pedia autorização para construir um hotel na praia de Ramirez, “pela proximidade que ela tinha com o centro de Montevideú, abundância de suas areias e facilidade de comunicação com toda população”. Além do pedido para construção do hotel, a sociedade também solicitava ao governo os terrenos para a futura edificação, pois segundo os investidores:

Los terrenos que se solicitan del Gobierno son y estarán siempre improductivos, y su cesión para Gran Hotel Balneario reportara grandes ventajas al Fisco. La valorización de los terrenos inmediatos aumentará los ingresos anuales de la Contribución Directa, y el aumento de concurrencia à los consumos locales, pues está probado que la población balnearia és la mayores cantidades invierte en los gastos suntuosos ò de lujo.

El Gran Hotel Balneario será por otra parte una obra monumental que hará honrar à la cultura de Montevideo, y no tiene rival en America, siendo talvez único por las proporciones arquitectónicas, por su grandiosidad y elegancia hasta en Europa, por haberse tenido presentes para su confección y estudio, los que existen en los grandes centros de baños de Francia, Alemania e Italia (Estatutos de la Sociedad Gran Hotel de Balneario en la Playa Ramirez, páginas 137. 191-201, Archivo General de la Nación, Escribanía del Gobierno y hacienda, caja 455, 1887).

Como se pode perceber, as estações balneárias europeias serviram de referencia para a constituição dos balneários no Rio de la Plata ou bem essa aproximação representou um oportuno aval aos empreendimentos executados. Em Pocitos, o estabelecimento *Hotel de Los Pocitos*, cuja estrutura foi destruída com o temporal de 1898, novamente se estabeleceu na primeira década do século XX com investimentos de capital inglês, que edificou na areia um suntuoso hotel com terraço que se prolongava até a água, e casinhas de banho separadas por sexo, como exigiam os códigos de pudor da época.

As estações balneárias, além de proporcionarem a prática dos banhos terapêuticos, também promoviam a afirmação do status social nos espaços que possibilitavam o ver e ser visto durante o footing no terraço do hotel, nos salões de chá e no restaurante. Além disso, o retorno a natureza também consistia um aspecto marcante no discurso científico, e

12

incorporado pela civilização moderna, que ensejou a multiplicação das facilidades e tentações da relação concreta com o espaço móvel do mar (Dardel, 2011: 21). Como aviva a descrição de uma banhista, “a fisionomia das praias não dá seu espírito, nem o espírito da hora, é preciso deixar a geografia para se ocupar dos visitantes”.

Hay que ver pasar de nuevo a aquellos señores de importantes bigotes, de horrorosos bigotes y de bastones de caña de bambú, con sus trajes acartonados de gruesa galatea blanca, sus sombreros de paja de Panamá o de paja rígida, blancos todos, con cintas de colores y aun multicolores. Y hay me imaginarse también a las opulentas señoras de aquel tempo, rosadas y blancas, como réplicas de las figuras de Rubens, con las caras cubiertas todavía de polvos de arroz, con su aspecto de matronas, graves, aun las jóvenes, vestidas con trajes de calle, las faldas hasta el suelo barriendo la arena o recogidas, dejando ver apenas las piernas entre los volados de las almidonadas enaguas (Acevedo, 2007: 30-31).

Entre os espaços da vida social burguesa junto ao mar se propôs a criação do Parque Urbano, atual Parque Rodó delineado no final do século XIX com a justificativa higiênica de aumentar a “capacidade pulmonar dos habitantes do município”. Para isso, foi necessário domesticar a paisagem composta por uma vasta extensão de areia, vertentes de água e desníveis produzidos pela extração de areia e pedra. Conforme Corral (2000: 55), o espaço foi aterrado com a finalidade de controlar o deslocamento das areias e florestar o parque com cerca de 3.259 espécies de pinus, eucaliptos, álamos e tamareiras.

Cabe ressaltar que, nos mares do Sul a arborização para conter o deslocamento das dunas constituiu prática comum ao longo da última metade do século XIX. Considera-se o precursor desta ação o inglês Henry Burnett, que naufragou na costa do Uruguay em 1865 e começou a plantar *pinus pinaster*, em 1891. Sua iniciativa se estendeu a outras regiões visto como feito modelar para a urbanização dos balneários marítimos na América Latina (Schossler, 2010).

Em 1901 o parque foi inaugurado sem festejos, mas as obras continuaram nos anos seguintes com o projeto dos engenheiros Montero y Paullier, que seguiam a estética dos jardins ingleses, de um “ambiente natural idealizado, perfeito e domesticado” (Corral, 2000: 56). Até 1930 o Parque sofreu inúmeras intervenções, sendo que um dos projetos de ampliação apresentados em 1907 pelo arquiteto-paisagista Carlos Thays, se aproximava das ideias de cidade-jardim, também esboçadas posteriormente no projeto do Balneário Carrasco.

13

Conforme Alicia Torres (2000:88-94), a morfologia do lugar oferecia a Thays a possibilidade de ordenamento espacial: o espaço elíptico. Em uma área de grandes dimensões, este recurso lhe permitiu desenhar uma pantalha visual contínua e ondulante, que oferecia variedade aos recorridos, ao mesmo tempo que facilitava a apreensão visual do lugar ao reduzir sua escala espacial. Apesar da sua impactante estética, o parque permaneceu com o plano de 1903, apresentado por Montero e Paullier.

Com o início do século XX, o governo tornou-se cada vez mais atuante em seus investimentos. Além do parque, a então rambla que já aparecia traçada nos planos de evolução da cidade desde a metade do século XIX foi outra intervenção que transformou a orla de Ramirez e Pocitos entre anos de 1904 e 1909 (Cunha, 2010: 56). A rambla fazia parte do plano de embelezamento da cidade, mas também tinha por finalidade solucionar um problema urbanístico do limite entre o mar e a cidade, sempre invadida pelas tempestades (Corral, 2001: 112).

Em meio aos equipamentos de ócio frente ao mar, um grande hotel foi erigido em 1909 entre a praia e o Parque Urbano. De investimentos privados, porém com a concessão dos terrenos do governo público, o hotel configurava o espaço de convívio social entre a burguesia platina, que no despertar da manhã, ao abrir a janela e avistar o mar podia a poucos passos dali tomar seus banhos de mar, passear nos espaços públicos e nos jardins do parque. Ainda no final da tarde era possível um encontro coletivo entre hóspedes nos grandes salões de chá, bem como durante o jantar à noite, seguido por animados bailes ou, então, nas salas do casino.

Estas cenas, encontradas em qualquer passagem literária dos romances de Tólstoi, Dostoievski, Tomas Mann, Tchekhov, Proust e outros, revelam rituais de sociabilidade nos espaços de vilegiatura marítima. Os jornais uruguaios também registravam e divulgavam nas páginas da *vida social* o cotidiano litorâneo, mencionando as pessoas que frequentavam os balneários e suas atividades, os bailes nos salões dos hotéis, os concertos matinais ou vespertinos no terraço da praia e no Parque Urbano, que despertavam as críticas sobre a falta de luz e de bancos, que esperavam logo ser sanadas pelo governo, como alega a nota (El día, 21/01/1905).

Fotografias registram a passagem das décadas de 1870 a 1930, e nelas também é possível acompanhar a evolução nos banhos de mar, da vestimenta, do comportamento, da

14

apreciação da orla marítima e, sobretudo, da nova configuração do espaço territorial de uma cidade na praia formada por uma grande avenida marítima, parque, hotel, rambla para passeio e algumas habitações. A presença de transeuntes, de alguns automóveis *Ford* e de casas compõe a nova paisagem de um lugar para se viver feliz.



Imagem 3: *Tranvía en la terraza de la playa Ramirez*, sem data, acervo: CDMF/Montevidéu.

Imagem 4: *Baños de señoras en Pocitos*, 1900, Acervo: CDMF/ Montevidéu.

Imagem 5: *Terraza Pocitos*, 1917, Acervo CDMF.

Imagem 6: *Bañistas en Pocitos*, 1917, Acervo CDMF.

A transformação das cidades balneárias sugere uma análise diferenciando “lugar” e “protótipo”, em que o espaço modelo de utopia, segundo Françoise Choay (2007: 149-151), é constituído pelos termos kantianos de “esquema” e condição de sua experiência. Dessa maneira, essas duas imagens são analisadas por ela como retrato e modelo, sendo a primeira

15

constituída pelos “traços espaciais que fazem da utopia uma individualidade única” e a segunda “exclusivamente da ordem humana e de um estrito sistema de normas culturais”.

Portanto, se nos primórdios da vilegiatura marítima as estações balneárias foram criadas com o investimento de capital privado, seguindo o modelo das cidades balneárias europeias para atender ao gosto de uma restrita parcela de habitantes; em seu segundo momento, no início do século XX, “a imagem modelo se sobrepõe à imagem-retrato”, ganhando dependência “física e histórica” com a popularização da orla marítima por incentivo governamental.

Assim, antes do despertar do desejo da beira-mar e da lei de férias, que em geral contribui para a popularização das praias, a orla marítima do Uruguai foi decretada em 1916 pelo Ministério do Interior um bem nacional de uso público, que não podia ser objeto de contratos e arrendamentos. Tal declaração demonstra a intenção do Governo Municipal de buscar recursos, regulamentar e ordenar o espaço costeiro, unindo a conservação e a estética da praia, com os valores morais e uma relativa defesa de espaços livres sem serviços privados (Cunha, 2010: 56-57).

Essas medidas e outras que se configuraram na primeira metade do século XX, formaram um novo perfil da praia na cidade de Montevideu, que seguiu com investimentos que intencionavam promover turisticamente o Uruguai a um “país balneário”, onde a possibilidade de desfrutar do sol e do mar, livre dos preceitos terapêuticos e próximo dos prazeres do ócio e do lazer, era a política de popularização das praias de mar do país.

Referências Bibliográficas

ALTEZOR, Carlos; BARACCHINI, Hugo. **Historia urbanística y edilicia de la ciudad de Montevideo**. Junta Departamental de Montevideo, Montevideo, 1971.

ASSUNÇÃO, Fernando; FRANCO, Iris. **Pocitos**. Série Montevideo 4. Fundación Banco de Boston. Montevideo, 1991.

AZEVEDO, Thales. **Italianos na Bahia e outros temas**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989.

CHOAY, Françoise. **A Regra e o modelo. Sobre a teoria da Arquitetura e do Urbanismo**. Caleidoscópio Edição, Portugal, 2007.

CORRAL, TORRES ALICIA. **El paysage y la mirada: historia del Parque Rodó 1896-1930**. Cal y Canto, Montevideo, 2000.

_____. **La mirada horizontal: el paysage costeiro de Montevideo**. Banda Oriental. Montevideo, 2001.

CORBIN, Alain. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

CUNHA, Nelly da. **Montevideo ciudad balnearia (1900-1950): el municipio y el foment del turismo**. Impreso en Artes Graficas S.A, Montevideo, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, Perspectiva, 2011.

DÉSERT, Gabriel. **Banhos de mar por receita médica**. In: GOFF, Jaques Le. **As doenças têm história**. Portugal: Terramar editora. 1997.

FÚGIER, Anne- Martin. **Os ritos da vida privada burguesa**. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

17

GUENE, Hélène et LOYER, François. **L'architecture des bains de mer: □ la place de la Bretagne dans le patrimoine français.** Disponível em <http://www.culture.gouv.fr/culture/inventai/telechar/bt01.pdf>, consultado em 12/03/2013.

GRAVAGNUOLO, Benedetto. **Historia del Urbanismo en Europa (1750- 1960).** Ediciones Akal, Madrid, 2010.

RAUCH, André. Las vacaciones et la nature revisitée (1830-1939). In: CORBIN, Alain. **L'avènement des loirs (1850-1960).** Paris: Flammarion, 1995.

SCHOSSLER, Joana C. **Cultura Balneária e mudanças antrópicas na paisagem do Atlântico Sul no Século XX.**

VARESE, Juan Antonio. **Pocitos: fotografias e Historias.** Banda Oriental, Montevideo, Uruguay, 2011.

ZUCCONI, Guido. **A cidade do século XIX.** São Paulo, Perspectiva, 2009.